

À caça dos G

- Não acredito que ainda não foi desta que os encontramos! – exclamei indignadamente.
- Não encontraste nem vais encontrar, porque “eles” não existem – replicou M sarcasticamente.
- Se calhar amanhã “eles” aparecem – rematou F amigavelmente.
- Podemos regressar à tenda? Estou cheia de frio! – reclamou S.

Os nossos dias acabavam quase sempre com este diálogo. Uns mais esperançosos, outros mais derrotados, mas sempre com cada um a desempenhar o papel que lhe competia de acordo com a sua personalidade e maneira de ser. Estávamos a acampar em Montegerunto há quatro dias e três noites. Três noites nas quais não surgiam sinais da existência dos misteriosos G.

Todos os dias nos levantávamos por volta das nove da manhã. Após um pequeno-almoço frugal à base de papas de aveia (para grande desagrado de todos), começávamos a nossa caminhada por trilhos demarcados pelos passos de milhares de visitantes que todos os anos os percorriam em direção às cascatas exuberantes que marcam Montegerunto. Penso que foram estas maravilhas da natureza e o número absurdo de caminhos escavados ao longo dos anos que as têm como destino que deram azo ao ditado “Todos os trilhos vão dar ao paraíso”, popular entre a gente desta terra. O resto do nosso dia era passado a explorar caminhos ainda por descobrir e relembrar e a banhar-nos em águas límpidas como as asas de libelinhas, inseto que abunda por estes lados. O início do pôr do sol marcava a nossa hora de regressar à tenda e preparar um jantar que nos daria forças para ir em busca dos G.

Quando combinámos estas férias, impus de imediato a condição de os encontrar. Todos concordaram, mas, sinceramente, penso que apenas F acreditou realmente que fôssemos caçá-los. F é a minha melhor amiga. Somos muito parecidas, física e mentalmente, pelo que muitas vezes dizemos que somos a mesma pessoa. Talvez por isso tenha sido a única a alinhar na minha extravagante ideia desde o início. S e M gostam muito de mim, o que não os impede de acharem que dou demasiadas largas à minha imaginação, ou, como diria M, que tenho “um parafuso a menos”.

M é o meu namorado. Conhecemo-nos desde pequenos e é uma pessoa muito importante para mim. Ele não sabe, ou talvez saiba, que tem “um parafuso a mais”, o que é maravilhoso porque, assim, completamo-nos. No entanto, esse bocadinho de metal a mais torna-o demasiado racional. Diria até cético. O que o impede de acreditar que eles existem.

S é das minhas amigas mais antigas e especiais. Partilhamos o nome e a tendência para nos rirmos de tudo, especialmente daquilo que não tem piada absolutamente nenhuma. Esta é a primeira viagem de S a Montegerunto e gosto de pensar que é por isso que nunca ouviu falar nos G.

Eu sou a narradora desta história. Desde pequena que venho acampar para aqui e que sou fascinada pela aventura da caça aos G dos meus pais. Mas essa é uma história para outro dia.

Agora que já estão apresentados os participantes desta expedição, passemos à explicação da noite em que finalmente aconteceu. Após um jantar abundante e um banho refrescante, pegámos nos nossos agasalhos e repelente de mosquitos e outros que tais e fizemo-nos ao caminho de cabras que marca o início da descida para o vale dos G, antes que o sol se pusesse. Já passei por estes caminhos mais vezes do que aquelas de que me lembro, sei-o de trás para a frente, o que é muito útil porque se não, não conseguiríamos regressar.

- Hoje sinto que vai ser o dia – disse esperançosamente.
- Dizes sempre isso e nunca é – replicou M em tom de brincadeira.
- Desta vez é mesmo diferente. Já reparaste no quão agitados estão os pirilampos? – indaguei distraidamente.

E, de facto, naquela noite, os pirilampos esvoaçavam em torno das nossas cabeças, quais sóis em órbita inversa.

- A minha mãe contou-me vezes sem conta, que quando os viu pela primeira vez o meu pai quase engoliu um pirilampo de tão agitados que estavam – argumentei – Hoje vamos ter sorte.

Continuámos a caminhada em silêncio, acompanhados pelo ruído das cigarras e o coaxar das rãs, barulhos tão característicos daquele lugar místico. Com

o avançar das horas, a luz dos nossos pequenos sóis esvoaçantes intensificou-se, o que nos ajudou a orientar-nos naquela noite de lua nova.

- Estou cansada. Podemos parar um pouco? Estou a ficar com dor de burro e já não se vê nada – resmungou S.

Escolhemos um troço do caminho perto do lago das rãs coaxantes, ladeado por campos de erva macia que serviam de banquetes às várias vacas da região durante o dia. Deitámo-nos naquele colchão vegetal tão confortável e olhámos o céu estrelado por um tempo indefinido que soube ao infinito.

. . . .

Esta próxima parte da história é um borrão na minha memória e até hoje não sei dizer com certeza o que aconteceu naquela noite aluada de verão. Sei que acordei estremunhada por volta das quatro da manhã, envolta em neblina e erva molhada. M acordou assim que abri os olhos. F já estava acordada. S era a única que continuava a dormir profundamente apesar de estar encharcada até aos ossos. Acordámo-la e preparávamo-nos para regressar ao acampamento quando a ouvimos dizer:

- Eu vi-os. Vi-os e fui à caça. À caça dos gambozinos.